

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

COMUNICADO À IMPRENSA

Lisboa, 6 de abril de 2017

ESTUDO TÉCNICO E MATERIAL DA PINTURA *CHAFARIZ D'EL REI* CONTRADIZ TEORIAS DIVULGADAS NO SEMANÁRIO EXPRESSO

Com o título «Museu de Arte Antiga abre as portas a obras suspeitas» e com o subtítulo «Reputados historiadores portugueses consideram falsos dois quadros da exposição 'A Cidade Global'», um artigo de Miguel Cadete, com Alexandra Carita e Hugo Franco, publicado na edição do Expresso de 18 de fevereiro de 2017, com direito a chamadas de capa, põe em causa a autenticidade das pinturas *Rua Nova dos Mercadores* e *Chafariz D'el Rei*. Apoiando-se nas teorias dos historiadores Diogo Ramada Curto e João Alves Dias, Miguel Cadete escreve que a obra *Rua Nova dos Mercadores* é falsa, «um quadro forjado no século XX a imitar o passado». No mesmo artigo, Cadete informa ainda que a pintura não passa de «uma continuação de outro quadro, o igualmente controverso *Chafariz D'el Rei*» que, segundo os jornalistas do Expresso, «outros especialistas sustentaram tratar-se de 'um quadro do século XX à maneira de Quinhentos'».

As acusações lançadas pelo Expresso, anteriores à inauguração de «A Cidade Global. Lisboa no Renascimento», que aconteceu a 23 de fevereiro, foram contrariadas pelo MNAA num comunicado de imprensa (em anexo), fundamentado na investigação de reputados historiadores da arte e em inquestionáveis documentos que asseveram, desde logo, a presença das obras em conhecidas coleções ou acervos privados (Reino Unido e Espanha) ainda no século XIX. Não obstante, em concordância com o Ministério da Cultura e com a DGPC, a direção do Museu entendeu solicitar aos proprietários (a Society of Antiquaries of London, fundada em 1717, e o empresário José Berardo) que autorizassem a realização de exames técnicos e materiais às pinturas em questão.

Joe Berardo aceitou o pedido, tendo sido os exames à obra *Chafariz D'el Rei* executados no Laboratório Hércules, da Universidade de Évora, e no Laboratório José de Figueiredo, em Lisboa. As suas conclusões apoiam a cronologia proposta para a obra no âmbito da História de Arte: finais do século XVI.

«No que diz respeito à análise dos materiais constituintes e da forma como estes são aplicados esta obra terá sido executada muito provavelmente por pintor de influência ou naturalidade do norte da Europa a partir da 2ª metade do século XVI, época em que se verifica o uso generalizado do pigmento azul de esmalte e se começam a utilizar imprimaduras coradas. Por outro lado, este estudo aponta para uma realização da obra anterior ao século XVIII, quer pela ausência de materiais utilizados a partir desta data, quer pela presença de pigmentos que começaram a ter um uso menos recorrente (como o amarelo de chumbo e estanho). Adicionalmente, processos técnicos diretos (aplicação direta da tinta) aliados à ausência de vestígios de planeamento da composição não sugerem tratar-se de uma cópia/tentativa de imitação de um eventual modelo preexistente», pode ler-se *no Relatório Sumário de estudo técnico e material da pintura sobre madeira - Chafariz D'El Rei* (em anexo).

A Society of Antiquaries of London, todavia, não permitiu a realização de análises em Portugal. Sublinhando o seu entusiasmo pelo êxito da exposição, os responsáveis pela casa-museu Kelmscott Manor dizem, em resposta ao pedido do MNAA, ter lido **«com interesse as especulações na imprensa portuguesa acerca da autenticidade das obras. Existem provas documentais claras de que as pinturas se encontram em Kelmscott Manor desde meados da década de 1870, quando Dante Gabriel Rossetti as trouxe para aqui. (...) Desde meados de 1870, os quadros só saíram de Kelmscott Manor em 2010, para serem restaurados e expostos no Rietberg Museum, em Zurique. Assim sendo, é impossível que as pinturas sejam falsificações do século XX, como foi especulado. Como instituição responsável, não podemos aceitar um pedido de análises científicas em resposta a especulações jornalísticas»**. No entanto, após o regresso das pinturas ao Reino Unido, a Society of Antiquaries of London diz-se pronta a considerar um pedido formal e detalhado de exames técnicos, desde que este tenha por base questões de ordem científica. **«As análises teriam de ser realizadas numa instituição de conservação certificada e inteiramente supervisionadas por um representante qualificado da Society of Antiquaries of London e totalmente financiadas pelo MNAA»**.

Sendo, pois, inquestionável o valor histórico e documental de ambas as pinturas como testemunhos contemporâneos da realidade urbana que a evolução da cidade de Lisboa e o Terramoto de 1755 definitivamente ocultaram, confirma-se a justeza da sua integração na exposição «A Cidade Global. Lisboa no Renascimento». Informação de índole mais detalhada releva apenas para o estudo da olisipografia, pelo que o MNAA não perspetiva a realização de mais análises.